



Línguas de Sinais Indígenas: A diversidade linguística nas diversas etnias

Daniela de Fátima Barbosa Gonzales

Hime Gomes da Silva Candido

Prof.^{as} de Educação Infantil e Ensino Fundamental I

EMEBS Professor Mário Pereira Bicudo – DRE Freguesia / Brasilândia

RESUMO



A Língua Brasileira de Sinais - Libras teve seu reconhecimento a partir da Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2002). Mas em nosso país existem ainda outras línguas de sinais não oficiais, utilizadas por etnias indígenas. Com base nas relações raciais no que tange à temática sobre os povos indígenas, entrelaçado à Base Nacional Comum Curricular-BNCC (BRASIL, 2018) e o Currículo da Cidade de São Paulo (2019), este artigo teve por objetivo apresentar o trabalho realizado com os estudantes Surdos da Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Professor Mário Pereira Bicudo, quanto às Línguas de Sinais Indígenas e sua diversidade. A temática teve como premissa apresentar a cultura indígena e suas variações linguísticas no que se refere aos indígenas com surdez, as línguas de sinais emergentes de diversas etnias indígenas e a diversidade cultural desses povos, utilizando-se de estratégias visuais, contemplando o ensino significativo, eliminando assim os estereótipos. O trabalho resultou em um vídeo feito pelos estudantes com os sinais indígenas que mais se identificaram, ampliando seu repertório cultural e valorizando a cultura indígena.

Palavras-chave: Língua de Sinais, Libras, Sinais indígenas.

Introdução

As línguas de sinais são as principais formas de comunicação entre surdos e seus pares. Estudos como os de Skliar (1997), Quadros (2006) e Stokoe (1960) evidenciam que as línguas sinalizadas são tão completas quanto qualquer língua oral. Numa narrativa popular, muitos acreditam que essas línguas se referem minimamente à soletração manual (datilologia) e imaginam que os sinais não passam de mímicas ou gestos desorientados e sem significados, e que assim não são capazes de expressar ideias abstratas.

Ao depararmos-nos com a discussão sobre a legitimidade linguística das línguas de sinais, evidenciamos que elas estão em consonância com uma comunidade cultural peculiar, trazendo assim legitimidade a comunidade. Ao contrário do que muitos pensam, as línguas de sinais não são apenas mímicas ou gestos soltos, elas possuem uma estrutura gramatical própria, ultrapassam os objetivos de uma simples comunicação e se constituem na expressão da identidade de uma comunidade (STOKOE, 1960)¹. As línguas de sinais estão fundamentadas numa construção visual-espacial, sendo pronunciadas pelo corpo e percebidas pela visão, o que significa dentro da gramática as expressões faciais, corporais, sintaxe e semântica da língua de sinais, trazendo a esta língua seu status linguístico de igualdade a uma língua oral auditiva que contém regras gramaticais próprias.

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais - Libras foi reconhecida como língua oficial para comunicação dos sujeitos surdos no ano de 2002, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Em seu artigo 1º:

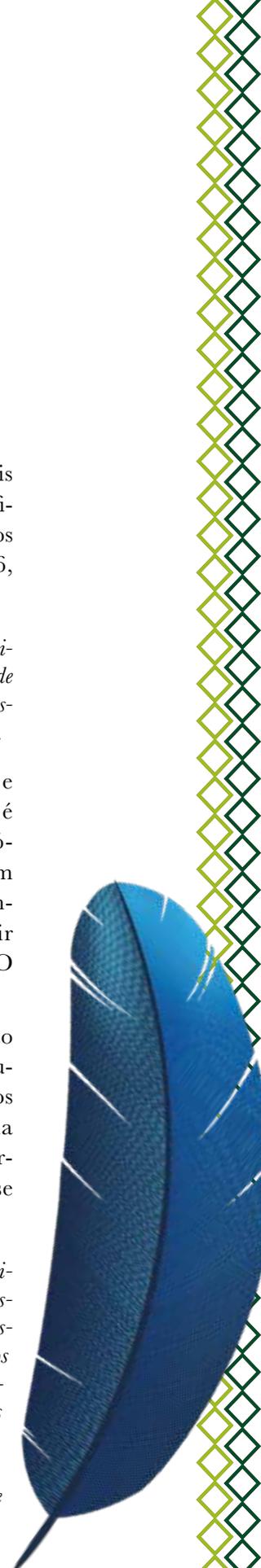
É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. (BRASIL, 2002).

Durante o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos, é muito importante apresentá-los à história de sua língua, de forma que possam vivenciar, com modelos surdos, experiências que possibilitem perceber, adquirir e utilizar aspectos de sua cultura. (SÃO PAULO, 2019).

Diante desse processo de construção de identidade e reconhecimento da cultura surda, faz-se necessário apresentarmos as diversas culturas do nosso país e sua diversidade, em consonância com o Currículo da Cidade de São Paulo e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC:

[...] um planejamento com foco na equidade também exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendentes – e as pessoas que não puderam estudar ou completar sua escolaridade

1 Os estudos de Willian Stokoe, um dos primeiros linguistas a estudar as línguas de sinais, embora sejam direcionados a ASL (American Sign Language), trazem contribuições para compreensão linguística dessas diferentes línguas, atribuindo-lhes status linguísticos.



na idade própria. Igualmente, requer o compromisso com os alunos com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência Lei nº 13.146/2015. (BRASIL, 2018, p.15-16).

Diante da importância da temática, buscamos projetar um trabalho holístico quanto aos povos indígenas com surdez de forma que corrobore com a construção de conhecimento dos estudantes surdos do Ensino Fundamental.

A diversidade cultural se faz presente nos grupos indígenas, e naqueles formados por pessoas surdas não é diferente, com isso, o objetivo do projeto sobre as línguas de sinais indígenas foi apresentar aos estudantes essa diversidade linguística, encontrada nas comunidades indígenas, apresentando seus valores e desconstruindo os estereótipos existentes em nossa sociedade no que se refere a esses grupos.

Há temas que merecem ser discutidos porque ampliam as discussões sobre diferenças, diversidades e reconhecimento dos sujeitos, como a igualdade de gênero, a superação de preconceitos, a relação da criança com a família/responsáveis, os direitos das crianças, o reconhecimento das etnias que constituem o povo brasileiro, entre outros. Tais temas, no entanto, não devem ser tratados como uma data específica, nem devem ser objeto de uma tarefa ou um conjunto de pequenas tarefas que as crianças realizam, sem compreender o seu sentido. (SÃO PAULO, 2019. p.116-117).

Segundo Diniz (2007), existem aproximadamente 180 línguas indígenas faladas por diversos grupos em nosso país. O Brasil é considerado o país que abriga a maior diversidade linguística em todo o mundo.

As comunidades indígenas conquistaram o direito às escolas bilíngues, garantin-

do desta forma que o ensino e a aprendizagem das crianças e jovens sejam realizados de acordo com a língua falada pelo grupo, fortalecendo a cultura e a identidade de sua língua materna, falada e escrita. A Língua Portuguesa nas escolas bilíngues é ensinada como segunda língua, respeitando a identidade cultural de cada etnia. Neste cenário, temos os indígenas surdos que utilizam línguas de sinais próprias, constituídas a partir da identidade e cultura de sua comunidade, portanto, cada grupo indígena possui sua própria língua de sinais que difere da Língua Brasileira de Sinais.

No Brasil, muitas são as línguas de sinais indígenas pesquisadas, dentre elas temos a língua de sinais Terena. Os indígenas dessa etnia vivem, sobretudo, em aldeias nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e São Paulo. Essa língua, recentemente, foi retratada em uma História em Quadrinhos criada para homenagear as línguas de sinais indígenas (GOMES; VILHALVA, 2021). Existe também a língua de sinais indígena Ka'apor, que é utilizada pela comunidade indígena desse povo como forma de comunicação entre ouvintes e surdos.

As línguas de sinais indígenas, embora não sejam reconhecidas oficialmente, devem ser respeitadas, pois são o principal meio de comunicação utilizado pelas etnias indígenas. Segundo estudos de Vilhalva e Gomes (2021), a primeira língua de sinais indígena registrada e documentada no Brasil foi a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB), utilizada pelo povo de Urubu Ka'apor, que vive no Maranhão. Não é uma língua emergente da Libras, a LSKB é uma língua intra-tribal própria desta comunidade e é diferente da Libras. Uma característica interessante da comunidade surda Urubu Ka'apor refere-se à circulação da língua por toda a aldeia indígena, de modo que todos (surdos e ouvintes) conhecem e dominam os sinais, ou seja, os ouvintes desta aldeia são bilíngues, permitindo assim uma comunicação fluente entre todos, configurando um exemplo de inclusão.

Há estudos também sobre a língua de sinais Kaingang que, segundo a pesquisadora Giroletti (2008), era uma língua utilizada por indígenas surdos da comunidade Kaingang, mas que não tinha seu reconhecimento no processo de ensino e aprendizagem na Escola Indígena de Educação Básica Cacique Wanhkre, localizada na Terra Indígena Xapecó, em Ipuacu, Santa Catarina, e, por este motivo, os surdos eram considerados mudos e inferiores. Com a inserção da Libras no processo educacional da referida escola, foi possível entender o contexto da língua de sinais Kaingang a partir de sua própria cultura e o entrelaçamento entre a língua de sinais Kaingang e a Libras, havendo com isso uma ascensão na utilização dos sinais Kaingang na aldeia (SKA). Os surdos indígenas passaram a ser considerados estudantes com sua língua e cultura indígena próprias.

A comunicação dos surdos indígenas, por meio da língua que circula dentro das aldeias, ajuda a manter viva a identidade, a cultura e a história desses povos. Nas aldeias Terena do Mato Grosso do Sul, a língua oral Terena é o principal meio de comunicação utilizado. Os surdos também

se comunicam com sinais diferentes dos emergentes do sistema linguístico utilizado por outros surdos do Brasil. Diante das dificuldades enfrentadas em relação ao ensino e aprendizagem dos estudantes surdos Terena, os indígenas dessa etnia registraram seus anseios na “Carta Terena”, sugerindo que os estudantes surdos tenham o ensino e a aprendizagem realizados nas escolas indígenas e contem com o apoio de professores de Libras também indígenas, devido à necessidade de o docente ter conhecimento da cultura indígena, valorizando assim os sinais utilizados por sua etnia.

Pesquisas realizadas por Lima (2013), a respeito dos indígenas da etnia Guaraní-Kaiowá, que vivem no Mato Grosso do Sul, evidenciaram que os surdos utilizam sinais caseiros para comunicação entre os familiares, mas que ainda vivem de forma invisível nas comunidades, diante dessa especificidade da surdez, sem um plano educacional que os favoreçam para expressar sua língua e identidade cultural. Quando existe um trabalho voltado para estes estudantes, a língua é trazida de “fora para dentro”, sem respeitar a cultura local a qual este sujeito pertence.

Desenvolvimento do Projeto Escolar

O projeto escolar sobre as línguas de sinais indígenas foi realizado com os estudantes do 4º ano e do 6º ano do Ensino Fundamental da EMEBS Professor Mário Pereira Bicudo, durante o 1º bimestre do ano de 2021. Primeiro, realizamos uma reflexão com os estudantes sobre sua identidade étnica com os seguintes questionamentos: Onde você nasceu? Seus familiares e você têm conhecimento de onde são? Sabe o que significa povos indígenas?

A partir das indagações, apresentamos o conto: “Mani, a origem da man-

dioca” (Lenda Guarani, 2006), o livro no qual a história estava retratada em um vídeo com a contação da história em Libras. Em uma roda de conversa com os estudantes, as crianças interagiram sobre o tema e esclareceram dúvidas.

Foi elaborado um mapa interativo para que os estudantes junto com seus familiares preenchessem identificando suas origens geográficas bem como de sua descendência e, por meio do mesmo mapa geográfico, apresentamos a localização dos povos indígenas do Brasil.



Em outro momento, foram apresentadas aos estudantes imagens de pessoas com características diversas, inclusive dos indígenas Marlon Jorge² e Shirley Vilhalva³. Ao analisarem as imagens, foi solicitado que identificassem os sujeitos surdos e os sujeitos indígenas nas imagens.

Após observarmos os posicionamentos dos estudantes quanto às solicitações propostas para a atividade, apresentamos o texto “É índio ou não é Índio?”⁴, em Libras, e, em alguns momentos, realizamos inferências questionando sobre as mesmas perguntas encontradas durante o diálogo, de forma a estimular a argumentação do grupo e opiniões reflexivas sobre os sentimentos apresentados.

Percebemos que as reflexões dos estudantes sobre as escolhas das imagens realizadas anteriormente trouxeram informações relevantes quanto à impossibilidade em identificar as solicitações da comanda apenas pelas imagens fotográficas.

Retomando a temática, compartilhamos com os estudantes imagens de utensílios utilizados por diversas etnias, destacamos alguns utensílios próprios de algumas etnias como as cerâmicas produzidas pelo povo indígena Terena, apresentamos o cesto colorido feito pelos indígenas Guarani, uma zarabatana da cultura indígena Kaingang, uma tanga confeccionada pelos indígenas Tiriyo, o chocalho produzido pelos Tapirapé e uma bolsa da etnia Kaxinawa. Devido ao período de pandemia que nos acometeu, nossa escola precisou fechar por algumas semanas e seguimos nosso projeto de forma remota, essas imagens foram apresentadas aos estudantes via Google Meet, as professoras apresentaram os sinais em Libras aos

estudantes durante a aula virtual, estes realizaram perguntas sobre os objetos e também os relacionaram a alguns objetos que utilizamos em nosso dia a dia.

Retornamos ao modo presencial e continuamos explorando as questões linguísticas. Apontamos as diferenças dos sinais utilizados por cada grupo indígena e a Libras, apresentamos os sinais estereotipados que não são mais utilizados, por exemplo, o sinal de índio batendo na boca. Explicamos os motivos pelos quais os sinais foram modificados e a necessidade de respeitar a cultura indígena. Discutimos sobre a diversidade linguística existente nos diversos grupos indígenas que emerge da própria cultura de cada etnia.

Exibimos aos estudantes um vídeo em que o cacique Valdemar Ka'apor, ouvinte da etnia Urubu Ka'apor, utiliza a língua de sinais Ka'apor Brasileira para apresentar uma lenda própria de seu povo. É importante salientar que a LSKB é uma língua utilizada por toda a comunidade Urubu Ka'apor pois, nesta comunidade, existe um alto índice de surdos, estima-se que a cada 75 nascimentos nesta comunidade, 1 seja surdo, portanto, desde o nascimento os indígenas ouvintes desta etnia aprendem a língua oral Urubu Ka'apor e a LSKB, não tendo problemas comunicacionais entre os indígenas surdos que também são imersos na LSKB desde tenra idade. Neste vídeo, o Cacique Valdemar utiliza-se somente da LSKB. Pouco entendemos sobre a língua sinalizada porque ainda está em estudo e, pela própria peculiaridade gramatical, não é possível associá-la a Libras. Foi importante a apresentação deste vídeo para que os estudantes pudessem observar a LSKB em ação. Após a apresentação do vídeo, os estudantes expressaram suas impressões e opiniões sobre o que imaginavam

2 Marlon Jorge - Surdo, pesquisador da Língua de Sinais Indígena, autor do minidicionário Sateré Mawé em Libras.

3 Shirley Vilhalva - Surda, pesquisadora da Língua de Sinais Indígenas, autora de diversos livros sobre a temática.

4 Texto pode ser acessado no documento Currículo da Cidade: Orientações Pedagógicas: Povos Indígenas. p.24-25.

estar sendo sinalizado pelo Cacique Valde-
mar. Findada as discussões, o professor fez a
tradução em Libras da lenda sinalizada pelo
cacique, já que esta encontra-se traduzida em
Língua Portuguesa no vídeo.

Reforçando aos estudantes que a Libras
não é a única língua de sinais utilizada

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos o projeto
pedagógico que foi realizado sobre a cultura
dos povos originários na perspectiva lin-
guística dos indígenas surdos. A atividade foi
destinada aos estudantes dos anos iniciais da
EMEBS Professor Mário Pereira Bicudo, si-
tuada no Município de São Paulo.

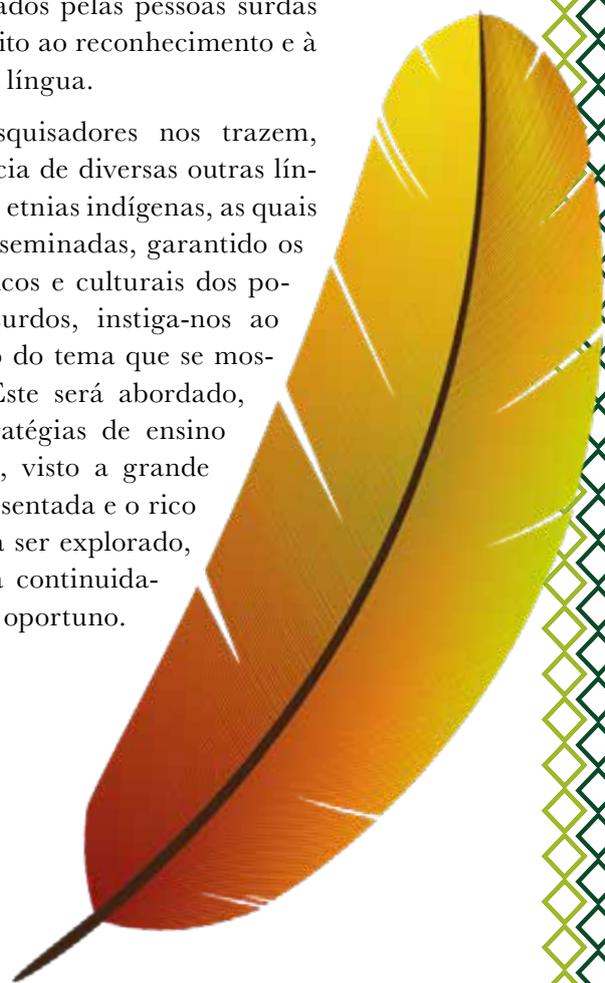
O projeto tinha por objetivo trabalhar
a cultura indígena com os estudantes, sob a
ótica dos indígenas surdos, valorizando os
diferentes povos, culturas e etnias. Foram
apresentadas as diferentes línguas de Sinais
indígenas, destacou-se a importância e a
valorização dessas línguas como estratégia
para a eliminação de estereótipos e precon-
ceitos que infelizmente ainda são latentes
em nosso País.

A utilização de literaturas afro-brasilei-
ras e indígenas, além de vídeos, enriqueceu
de forma significativa as interações entre os
estudantes. Conhecer as culturas indígenas e
saber que existem surdos usuários de língua
de sinais própria de cada etnia trouxe aos
estudantes um amplo conhecimento de sua
própria identidade e diversidade cultural.

por cidadãos surdos aqui do Brasil, e que
a LSKB é utilizada pelos indígenas locali-
zados no estado do Maranhão, exploramos
o mapa interativo novamente na busca da
localização geográfica do território dos in-
dígenas Urubu Ka'apor.

O projeto foi realizado durante o 1º
bimestre e resultou em um vídeo, feito
pelos estudantes, no qual foram selecio-
nadas imagens relacionadas ao contexto
indígena. Os estudantes sinalizaram es-
sas imagens em Libras relacionando-as
aos sinais usados pelas etnias indígenas,
estabelecendo comparações entre suas
similaridades e diferenças. Muitos são os
desafios enfrentados pelas pessoas surdas
no que diz respeito ao reconhecimento e à
aceitação de sua língua.

Quando pesquisadores nos trazem,
ainda, a existência de diversas outras lín-
guas de sinais de etnias indígenas, as quais
precisam ser disseminadas, garantido os
direitos linguísticos e culturais dos po-
vos indígenas surdos, instiga-nos ao
aprofundamento do tema que se mos-
tra tão vasto. Este será abordado,
com outras estratégias de ensino
e aprendizagem, visto a grande
diversidade apresentada e o rico
material ainda a ser explorado,
este projeto terá continuidade
em momento oportuno.



Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 5 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002.
- BRASIL. **Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2005.
- DINIZ, Kollondai Cossich. Notas sobre tipografias para línguas indígenas do Brasil. **InfoDesign Revista Brasileira de Design da Informação**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 36-46, 2007.
- GIROLETTI, Marisa F. Padilha. **Cultura surda e educação escolar Kaingang**. 2008. (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- GOMES, Carlos. J. (org.). **Epistemologia dos estudos surdos: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade cultural**. Curitiba: CRV, 2020. (Coleção Registros de estudos e pesquisas da Língua de Sinais Indígenas do Brasil, v. 1).
- GOMES J. C.; VILHALVA, S. **As línguas de sinais indígenas em contextos interculturais**. Curitiba: CRV, 2021. (Coleção Registro de Estudos e Pesquisas das Línguas de Sinais Indígenas do Brasil, v. 2).
- HISTÓRIA de Ae (língua Ka'apor). Gustavo de Godoy e Silva, 2014. 1 vídeo (5min.) . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ltuSbKYQB4&t=4s>. Acesso em: 11 maio 2021.
- LIMA, J. M. S. **A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Educação, Campo Grande, 2013.
- QUADROS, R. M; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: SME/COPED, 2019.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Educação Especial: Língua Portuguesa para Surdos**. São Paulo: SME/COPED, 2019.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Educação Infantil**. São Paulo: SME/COPED, 2019.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Povos indígenas: Orientações Pedagógicas**. São Paulo: SME/COPED, 2019.
- SCATAMACCHIA, Claudia. LENDA Guarani. **Mani, a origem da mandioca**. 1 ed. São Paulo, SP. Editora Paulus, 2006.
- SKLIAR, Carlos (org.). **Educação e exclusão: abordagens socioantropológicas em Educação Especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- STOKOE, W. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf. **Studies in Linguistics**, University of Buffalo, n. 8, 1960.